

Areias, 22,7,1909

Rangel:

Recebi a carta e o *Exame de Conciencia*, no qual mais uma vez voltas para Rodrigo. Sinceramente acho que é um exame de conciencia e nada mais\_ não é conto, é exame de conciencia dum fracassado. Não vejo ali a tua maneira habitual. Aquela retórica, aqueles lugares comuns\_ aquilo não é Rangel, tenha paciência. A “pedra angular” logo na segunda linha já me pôs de orelha em pé; e a coisa vai até o fim sem uma novidade, sem um imprevisto, sem nada interessante. Paiva raciocina sem nenhuma elevação, como o Goulart ou o Macuco raciocinariam em idênticas circunstâncias, e você comete o erro de não fixar esse raciocínio como coisa dum *raté*; parece que encampa aquilo e acha muito bom. O meio de melhorar o *Exame* é esse\_ dar aquilo como coisa de *ratés*. Mas meio melhor ainda é guarda-lo na lata de lixo. Lembro-me dos contos tão finos, tão originais e ricos de psicologia que já escreveste. Por que não aperfeiçoas essas coisinhas velhas e ótimas? O *Destacamento* melhorado dá um Maupassant legítimo.

Dia 23

Acabo de receber o *Clair de Lune*, o meu e o teu primeiro conto. Li este. Ótimo! Aquela mãe está esplendida\_ é muito comum essa perversão do amor que degenera em injustiça e causa os piores males. Todos os tipos estão bem acentuados de caráter e colhidos ao vivo. Só me parece fraca a cena do fim em que Prospero procura emprego. Ele deve procurar tal ou tal emprego. Como está, fica a cena rápida demais\_ curta como umas calças curtas. Outro senão: “luxo asiático”. Chega de luxo asiático, Rangel. Pobre Ásia! Na pg. 5 acho muito abrupto o atletismo de Prospero. Não havia tempo. Na pg. 9, depois daquele choro, ele não devia prometer “tornar-se um bom filho e bom irmão”. O idiota já era tudo isso; ruins, só os seus irmãos. E outras coisinhas assim. Mas está ótimo.

O meu conto, agora... Que tristeza, Rangel! Reli-o depois que chegou e achei-o tão seco, tão magro. As tuas observações me abriram os olhos. Vou seguir os conselhos. Defeito principal que só agora percebi: *são tão curtos os períodos que o leitor não tem tempo de apanhar o que eles dizem*. Fica tudo empastelado lá na compreensão do leitor, tudo “telescópico”, como nos desastres da Central quando os trens se chocam e uns vagões entram pelos outros. O leitor salta para um período novo, onde tudo muda, antes de apreender totalmente o que o período anterior disse. Vou consertar. Coisa curiosa! No momento em que escrevemos, o nosso espírito *acostuma-se* com os defeitos, não os vê. Mas se passados uns dias relemos, já os defeitos se visibilizam.

Estou escrevendo o n° 2, genero totalmente diverso do *Bocatorta: A Casinha de Rotula*. Mando-te mais umas ilustrações.

LOBATO

P.S.\_ Ando a colaborar no *Fon-Fon*. O que aparece lá assinado H. B. é meu. Desenho e caricaturas.